

Projeto Cariúnas – uma proposta de educação musical numa abordagem holística da educação

Tânia Mara Lopes Cançado

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
taniacancado@terra.com.br

Resumo. A proposta deste artigo é apresentar, para reflexão, a experiência do Projeto Cariúnas, um programa sócio-cultural desenvolvido com crianças e adolescentes da periferia norte de Belo Horizonte, que trabalha a educação musical numa abordagem holística da educação. O artigo também apresenta para discussão uma outra característica do Projeto Cariúnas – a “interdisciplinaridade”. Na introdução, o artigo trata dos conceitos básicos da educação holística. Numa segunda parte, relata a experiência do Cariúnas, descrevendo seus princípios de ação pedagógica; as etapas do processo pedagógico; e suas formas de avaliação. Na parte final, o artigo apresenta algumas situações reais apresentadas em forma de “casos”, que ilustram a experiência pedagógica do Projeto Cariúnas, e sugerem algumas reflexões.

Palavras-chave: Cariúnas, holístico, criança

Abstract. The purpose of this article is to present the experience of “Cariunas Project”, and promote reflexion about it. “Cariunas” is a social-cultural project developed with children and adolescents from a very poor neighborhood of Belo Horizonte City (Minas Gerais State - Brazil), which is based on music education under a holistic approach. The article also brings to discussion another characteristic of “Cariunas” – “The integration of cultural activities”: music, and dance. In the introduction, the article presents the basic concepts of Holistic Education. On the second part, It presents the “Cariunas” experience itself, describing its basics on the pedagogic action, the steps of the pedagogic process, and its evaluation manners. At the end, the article brings some real situations written as “cases”, illustrating the pedagogical experience of “Cariunas Project”.

Keywords: Cariúnas, holistic, child

Introdução

Pelas várias acepções do termo “diversidade”, o tema deste fórum facilmente nos levaria a discursar sobre a educação musical e suas variedades metodológicas, o que nos remeteria a atualizadas reflexões. Entretanto, escolhemos falar sobre o caminho da educação em face da “diversidade huma-

na”, e de como essa educação trabalharia o indivíduo através da música, levando-se em conta as diferenças físicas, psicológicas, sociais e culturais inerentes ao ser humano. Pretendemos apontar a concepção holística da educação como a mais adequada para se tratar dessa diversidade humana.

Para demonstrar a aplicação de uma abordagem de educação holística no atendimento de crianças e adolescentes e de seus potenciais resultados, relataremos aqui uma experiência de projeto de ensino de música que tem aplicado esta abordagem – o Projeto Cariúnas – que trabalha com a proposta de educação integral, e tem, na “interdisciplinaridade”, o seu objeto de referência.

Em seu livro *Educação Integral – uma Educação Holística para o Século XXI*, Rafael Yus (2002, p. 15) registra que “tudo que está relacionado com o holismo vem do termo grego *holon*, que faz referência a um universo feito de conjuntos integrados que não pode ser reduzido a simples somas de suas partes”.

O filósofo e educador grego Sócrates já dizia que só há duas formas de educar o ser humano: educar o corpo através do movimento e educar o espírito através da música. Desse pensamento advém uma das mais sublimes mensagens que conhecemos do povo grego, que já demonstrava sua capacidade para descobrir a relação do “eu” com o universo.

Sem pretensões de querer analisar ou sintetizar a filosofia educacional de uma cultura tão distante da nossa, sugiro que a educação grega nos legou um modelo ideal de educação integral, que enfatiza a busca pelo desenvolvimento global do indivíduo.

Entretanto, essa filosofia desenvolvida na Antiguidade se perde com o tempo. Segundo J. Miller (1996), desde a Revolução Industrial, a humanidade estimulou a compartimentalização e a padronização, cujo resultado foi o surgimento da fragmentação da vida nas diversas esferas da vida humana, refletindo em mudanças nas áreas econômica, social, pessoal, e principalmente nas áreas da cultura e da educação. Frente a essa fragmentação, também a escola sente o seu reflexo nas suas ações e conteúdos, que passam a ser compartimentados, hierarquizados e fragmentados (Yus, 2002, p. 13).

Com os avanços da pedagogia e da psicologia, várias correntes pedagógicas surgiram no intuito de sanar essa deficiência do ensino. Na música não foi diferente. A partir do final do século XIX e no decorrer do século XX, os denominados métodos ativos – metodologias que partem da vivência para chegar ao conhecimento teórico – resgataram a filosofia de integração, da não fragmentação da experiência musical e da democratização do ensino. Esses métodos vêm reforçar a participação efetiva do aluno e a “necessidade de estruturar o ensino em termos da natureza da criança, e em função de suas necessidades” (Penna, 1990, p. 61).

Dalcroze, Willems, Orff, e tantos outros educadores, ao privilegiar na educação musical o ser integral, e o sentir e o pensar como premissas do conhecimento, resgatam em suas metodologias a filosofia da educação integral. Sekeff (2002, p. 120) resume essa abordagem nas seguintes palavras:

Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas: é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua condição de indivíduo e cidadão. Como toda comunicação envolve conflito, poder, ideologia, negociação, o educando precisa aprender a lidar com esses valores com competência e autonomia; e aí, mais uma vez, emerge a possibilidade da música como agente mediador, auxiliando-o na construção de um diálogo com a realidade. Mesmo porque sua interface vai além do estabelecido rotineiramente.

Apesar do termo “holístico”, que pode ser entendido como “integral” ou “global”, ser tão antigo, a tradição de seu uso tem raízes em filósofos e pedagogos do século XVIII, como, por exemplo, Pestalozzi, passando posteriormente por outros reconhecidos mestres da educação do século XX, como Maria Montessori, Rudolf Steiner, e em especial o canadense J. P. Miller (1996), que utilizou pela primeira vez o termo *Educação Holística*. Para eles, a educação holística implica uma educação integral, na qual se trabalha não só o desenvolvimento do intelecto de cada criança, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, intuitivos e espirituais, inatos a todo ser humano.

A educação holística

A visão holística enfatiza uma série de valores; descrevemos aqui alguns dos seus aspectos relevantes para ao nosso objeto de reflexão:

- o ser humano é visto de uma maneira global, ou seja, como portador de corpo, mente e espírito; a educação integral visa a desenvolver todas as suas potencialidades;
- o holismo acredita na inteligência múltipla: o processo de aprendizado de um indivíduo envolve suas habilidades mentais, físicas, sua imaginação e seus interesses ou motivações;
- é no corpo que se originam as sensações e emoções do ser humano e é através do movimento que as energias são liberadas; assim, numa educação holística, é dada ênfase à linguagem corporal;
- a educação holística acredita no aprendizado a partir da experiência, da descoberta, do

interesse, da curiosidade, para então encontrar sentido nessa experiência;

- a educação holística reconhece que todo conhecimento tem um significado e que ele precisa e deve ser transmitido. Em todo aprendizado existe uma ponte, um ponto de interseção, que confirma que tudo nessa vida é compartilhado. Isso leva à valorização da interdisciplinaridade;
- o holismo propõe a busca do equilíbrio em tudo, pois à medida que se busca esse equilíbrio nas tendências ou nos processos da vida, busca-se também a conciliação. Isso pressupõe a busca do equilíbrio entre razão e intuição, pensamento analítico e pensamento sincrético, ciência e arte, etc.;
- enfatizando a imaginação, a criatividade, a cooperação e o sentido de comunidade, o holismo acredita que todos os seres humanos têm potencialidades ilimitadas e capacidade de exercê-las;
- o holismo valoriza as dimensões espirituais do ser humano, sem enfatizar nenhuma filosofia ou crença religiosa. Ele leva o indivíduo a valorizar a vida, a desenvolver um estado de harmonia e equilíbrio pessoal e se responsabilizar pela construção da paz no mundo.

À primeira vista, o holismo poderia ser visto como uma filosofia educacional utópica, uma vez que sugere que os indivíduos podem estar integrados à sua comunidade e ao universo como um todo, de forma a atuar no mundo de maneira perfeitamente equilibrada. Mas, se atentarmos para a natureza, perceberemos que todos os sistemas interagem constantemente entre si, sejam eles micro ou macroorganismos. Como afirma o físico Fritjof Capra (2002, p. 51):

Todo organismo vivo responde às influências ambientais com mudanças estruturais, e essas mudanças, por sua vez, alteram o seu comportamento futuro. Em outras palavras, o sistema que se liga ao ambiente através de um vínculo estrutural é um sistema que aprende. A ocorrência de mudanças estruturais contínuas provocadas pelo contato com o ambiente é uma das características fundamentais de todos os seres vivos.

Nesse sentido, por acreditar na responsabilidade do educador para com a interação com os educandos, idealizei o Projeto Cariúnas como uma abordagem democrática de educação musical integrada a outras artes, dirigida a um contexto social desfavorecido, com objetivo de oferecer não apenas experiências estéticas, mas experiências significa-

tivas compartilhadas socialmente, envolvendo a mente, o corpo, as emoções e o espírito dos envolvidos.

E, finalmente, por acreditar que as experiências vividas nesse projeto e os resultados colhidos até hoje podem exemplificar o sucesso de uma proposta não convencional, diversa, de ensino musical transformador, que me proponho a relatar e refletir, essa experiência.

Genesis

Primeiramente, acredito que a reflexão aqui proposta nos remeterá a muitas situações que permeiam nosso caminho como educadores, situações que nos surpreendem, por apresentarem resultados inesperados para nós. Um exemplo disso ocorre quando nosso campo de ação educacional está circunscrito a um contexto distinto da nossa realidade, por exemplo, um contexto formado por comunidades de crianças e adolescentes carentes, originados de favelas da periferia, e de níveis sócio-culturais diversificados. Além dessa diversidade, a falta de perspectiva de vida e descrença no futuro é outra característica que constatei pessoalmente junto a muitos jovens dessas comunidades.

Ao longo de minha experiência, percebi também que a realidade vivida por esses jovens, por vezes, difícil de compreender. Os sentimentos de medo, raiva, orgulho, ciúme e rancor estão fortemente presentes, gerando todo tipo de conflitos internos e externos, refletindo-se em reações de agressividade, indisciplina, desconfiança e tantos outros comportamentos negativos, relacionados à baixa estima.

Foi junto a crianças e jovens com padrões de comportamento como os citados acima que implantamos, em 1988, na periferia de Belo Horizonte, como um programa de extensão da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, um projeto de educação musical que denominamos Criança e Música, cuja experiência tem sido uma das mais significativas da minha vida. Através dessa convivência, compreendi o real valor da música, não só como um instrumento sensibilizador, mas também transformador. Compreendi também que, a minha função como musicista e pedagoga, bem como a de todos que se agregaram ao projeto, teria que transcender o papel de mera professora.

Os princípios de ação pedagógica

A experiência no projeto Criança e Música gerou perguntas que, durante muito tempo, não pudemos responder. Entretanto, a partir da observação da ocorrência sistemática de determinadas atitudes e comportamentos dos jovens, bem como da obser-

vação dos resultados artísticos musicais alcançados, nasceram três princípios pedagógicos distintos. Esses princípios formaram, então, a base filosófica e pedagógica para a criação e desenvolvimento do Projeto Cariúnas, que foi implantado no ano 2000.

O primeiro desses princípios defende a educação integral como a fórmula ideal para ajudar jovens carentes a recuperar ou desenvolver sua habilidade de sonhar, desejar e construir seu próprio futuro. Esse princípio envolve uma educação abrangente, na qual são trabalhados simultaneamente o corpo, a mente e o espírito, sendo a afetividade uma das principais ferramentas desse processo. O segundo princípio defende o treinamento intensivo da percepção em suas mais variadas formas – visual, auditiva e cinestésica, bem como o desenvolvimento das habilidades de comunicação, criatividade, dentre outras tantas potencialidades, considerando-se que tais habilidades são determinantes, primárias e básicas para qualquer processo de aprendizado. Finalmente, o terceiro princípio defende a integração da dança no processo dessa educação integral, por ser a linguagem corporal uma expressão autêntica e primária do ser humano.

Hoje, podemos dizer que esses três princípios, gerados pela experiência de quase 20 anos de vivência educacional e convivência com essas comunidades, traduzem ênfases da educação holística. Acreditamos que essa distinção confere ao Projeto Cariúnas um caráter inovador, considerando que essa filosofia se originou como resposta a uma determinada circunstância social. Nesse contexto, o Cariúnas oferece para todos os alunos cursos de música vocal e instrumental; dança clássica e moderna; percepção musical; criação na dança e na música vocal e/ou instrumental; e ainda a conjugação de diversas formas de expressão (dança, música e teatro integrados), que culmina com a elaboração e apresentação de musicais.

Etapas do processo pedagógico do Cariúnas

O Projeto Cariúnas tem sido realizado em duas etapas distintas. A integração das atividades já se apresenta na primeira etapa do projeto, que tem duração de dois anos, e trabalha com os alunos iniciantes. É nessa fase que as crianças começam a se autodescobrir, pois são oferecidos a elas os vários meios para que possam desenvolver as suas potencialidades, tanto humanas quanto artísticas.

Na atividade que denominamos “aula integrada”, os educandos participam de vivências simultâneas nas áreas da musicalização, do canto coral,

do teatro e da dança. Numa combinação de “dois movimentos complementares, o da atividade e o da criatividade”, essa vivência leva cada criança à descoberta e à experimentação, cujo resultado são os trabalhos individuais e *performances* coletivas, também de caráter interdisciplinar (Sekeff, 2002, p. 123).

Nessa fase inicial, as atividades são desenvolvidas por três professores, que se alternam no comando das atividades. Reuniões semanais são realizadas, para reflexão, análise e registro das atividades e preparação de roteiro para a continuidade da disciplina. O conteúdo musical trabalhado nessa fase não obedece a uma grade curricular, nem a um limite de tempo para sua realização. Dessa forma, leva-se em conta um respeito às fases de desenvolvimento integral das crianças. Além da atividade citada acima, vivências privilegiando o trabalho de ouvido também são oferecidas aos alunos, através da experimentação e iniciação ao teclado, violão e à flauta doce.

Na segunda etapa do processo, que tem a duração média de três anos, a integração das áreas se torna cada vez mais expressiva. Ela está presente tanto nas atividades instrumentais e nas aulas de dança ou coral quanto nos trabalhos coletivos de criação e percepção musical. Na atividade de percepção, por exemplo, todos os alunos trabalham a prática de seu instrumento principal, integrada às informações teórico-musicais que incluem uma variedade de conteúdos e práticas, tais como audição, apreciação, criação, escrita, leitura, *performance*, improvisação, etc. É também nessa etapa do programa que os alunos escolhem livremente o instrumento de sua predileção. Como reforço à atividade do ensino específico do instrumento – coletivo ou individual – o programa oferece a sua prática junto aos diversos grupos instrumentais.

Paralelamente à essa prática coletiva, que trabalha com arranjos escritos pelos professores de acordo com a formação instrumental e com o nível de cada aluno, as atividades de criação musical continuam permeando o currículo. Pouco enfatizada no currículo da escola regular, a criação é considerada essencial no contexto Cariúnas, por acreditar que ela é uma habilidade necessária aos jovens no mundo atual. Apesar do conceito de criatividade ser ainda difuso, pois abrange uma ampla gama de habilidades diferentes, concordamos com Yus (2002, p. 75) quando diz que, “ser criativo significa ser capaz de produzir algo que antes não existia, o que de certo modo coincide com a idéia que temos de inovador. Mas nem toda atividade inovadora é criativa.” Portanto, acreditamos que somente a prática permanente da ação criativa, somada ao conhecimen-

to, ajudará o indivíduo no seu amplo desenvolvimento do pensamento e das suas potencialidades criativas.

Nessa segunda fase, a ênfase dada à linguagem corporal continua presente através das aulas de dança, que passam a ser cada vez mais sistemáticas. Como atividade inerente ao projeto, a dança moderna, ou clássica, ou folclórica e/ou popular, é oferecida durante todo o projeto a todos os alunos. Como resultado desse processo, a dança, assim como a música, passa a ser, para alguns alunos, uma meta profissional.

Como uma grande engrenagem, a atividade coral mobiliza todo o movimento pedagógico do projeto. Ele é o responsável pela produção dos musicais, que agregam todas as facetas de ensino do projeto, tanto no que se refere à escolha de repertórios que possam ser integrados à dança, quanto ao nível dos arranjos que terão a participação dos instrumentistas.

Durante os seis anos de sua existência, o Projeto Cariúnas já produziu cinco musicais, e dois CDs, gravados e produzidos por seus alunos e professores: *Sementes do Amanhã* (2002), e *Lua de Papel* (2005).

Processo de avaliação

Em todo o seu alcance social, pedagógico, cultural, psicológico e espiritual, seja em atividades coletivas ou individuais, o objetivo do Projeto Cariúnas é proporcionar aos alunos os meios e mecanismos para o aprendizado. Nesse contexto, a avaliação tem o compromisso de proporcionar “a retroalimentação necessária para incentivar a competência, por meio do autoconhecimento” (Yus, 2002, p. 46). Portanto, incentivar os alunos à prática da auto-avaliação, é meta contínua no processo da educação no Cariúnas.

Por outro lado, numa outra perspectiva, a avaliação objetiva observar a evolução da criança e do adolescente como um todo, não somente dos conhecimentos e habilidades adquiridas. Para que se possa observar essa gama de valores, é preciso determinar outras dimensões de avaliação, como, por exemplo, o desenvolvimento de atitudes e valores, a intuição, a criatividade, a cooperação, a participação, a postura, a liderança e tantos outros aspectos nem sempre levados em consideração na escola de ensino formal. Por isso, o processo de avaliação no Cariúnas requer a utilização de instrumentos de avaliação não convencionais, sendo a avaliação em forma de teste padronizado apenas um dos instrumentos utilizados. Um desses instrumentos não convencionais, por exemplo, é a avaliação que solicitamos

ao(s) professor(es) da escola pública que o aluno freqüenta, cujos resultados são adicionados à sua ficha, para a auto-avaliação no final do semestre.

Multiplicadores: uma alternativa para o mercado de trabalho

Os alunos que vivenciam uma experiência de educação integral alcançam a excelência por caminhos bem diversos... Esses estudantes raramente deixam a escola antes de uma graduação personalizada. Eles entram, então, na força do trabalho, mostrando aos administradores que eles têm a “matéria-prima” para serem estudantes vencedores. (Yus, 2002, p. 47).

Foi observando que essa “matéria-prima” já estava ali presente no Cariúnas, e desejosa de crescer e multiplicar, que surgiu a necessidade de oferecer a ela os meios para a sua expansão.

A princípio, o Projeto Cariúnas se propôs a atender os alunos somente até os 16 anos de idade. Porém, na busca pela construção holística desse jovem adolescente, que inclui seu crescimento pessoal e, potencialmente, sua formação e na opção profissional, o atendimento até os 18 anos de idade passou a ser necessário. A difícil decisão de atendê-los após os 16 anos trouxe, por outro lado, uma perspectiva de futuro para aqueles jovens. A proposta de se abrir espaço para que eles desempenhassem um papel, num primeiro momento, como observadores das atividades propostas aos iniciantes do Cariúnas, fez com que novos horizontes fossem vislumbrados por todos os envolvidos naquele processo. Assim nasceram os multiplicadores do projeto e, com eles, as práticas pedagógicas – nas áreas da musicalização e da dança – que os ajudariam na formação do que denominamos de “agentes culturais”.

A inserção desses multiplicadores no mercado de trabalho, como monitores, atuando em creches, centros comunitários e outras associações de atendimento extra-escolar da região, ocorreu naturalmente, por duas razões bem definidas. Primeiramente pela ausência e necessidade do profissional de artes, em especial de música, nesses espaços, e, em segundo lugar, porque esses mesmos espaços têm, aos poucos, buscado melhorar a qualidade de seu trabalho pedagógico. Essa nova postura de instituições públicas, ONGs e outros estabelecimentos que atendem crianças e adolescentes de risco social, é fruto da conscientização da importância da cultura, e de se trabalhar com nossos jovens, na atualidade, em horário integral. Não podendo a escola pública responder por isso ainda, essas instituições alternativas tentam assumir esse papel, mesmo que precariamente, com essa complemen-

tação do desejado horário escolar integral.

Frente a esse leque de instituições preocupadas com o atendimento ao público de baixa renda e de risco social, acreditamos que as instituições sem fins lucrativos, ou “terceiro setor”, constituído pelas organizações não governamentais (ONGs), apresentam hoje possibilidades cada vez mais favoráveis e mais eficientes na lida com as propostas sociais e educacionais.

De Masi (2003), em seu livro *O Futuro do Trabalho – Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-Industrial*, classifica as organizações em quatro tipologias. Nessa classificação, ele coloca as ONGs como um tipo ideal de organização, por estar caracterizada pela baixa pressão para a racionalização e pela pouca concorrência. Assim, o autor descreve:

Seu objetivo (instituições do terceiro setor) é a solidariedade e o testemunho; o seu método é a contribuição voluntária; o seu papel elementar é o empenho pessoal, que nasce da paixão. O tempo, nesse caso, é vivido como oportunidade para uma melhor utilização. A metáfora mais adequada para representar esse tipo de organização é a colméia. (De Masi, 2003, p. 247).

Projeto Cariúnas – contando algumas experiências

Nesta seção, contarei alguns “casos” ocorridos no Projeto Cariúnas, que bem ilustram nossa experiência pedagógica. Esses depoimentos, relatados por professores e coordenadores, sugerem alguns questionamentos, que traduzo para reflexão, nas seguintes questões:

- Seria a interdisciplinaridade uma grande saída para a educação musical neste século?
- Conseqüentemente, um modelo ideal de educador musical deveria passar pela vivência da interdisciplinaridade?
- A visão holística de educação atenderia a essa diversidade apresentada pelo ser humano?

Caso 1 – experimentação e descoberta

Imaginem uma pequena comunidade/escola da periferia... ali existe um projeto sócio-cultural para crianças e adolescentes... impregnado de muita música, dança, e solidariedade... Em uma de suas salas, um adolescente dedilha pela primeira vez, para seu professor, uma pequena canção na flauta transversal. De repente, a mesma melodia é ouvida num teclado eletrônico em uma sala ao lado. A reprodução sonora vem do Pedrinho, um garoto de 10 anos

que até então andava apático e desligado da vida diária daquele projeto, do qual ele já participava há dois anos. Como aluno da primeira etapa do projeto, eram-lhe propostas, durante os cinco dias da semana, atividades de musicalização, dança, canto coral e criação musical, uma variedade de opções oferecidas pelo programa, como estratégia para a exploração de suas habilidades, cuja participação até então, era inexpressiva. Foi, portanto, a partir dessa experimentação, e a descoberta de sua potencialidade perceptiva, que novos horizontes se abriram para o Pedrinho.

Graças à diversidade de atividades propostas pelo projeto, ao ambiente favorável para a prática da experimentação – variedade de elementos concretos à disposição do aluno –, bem como ao respeito pelo ritmo de aprendizado de Pedrinho, ele é hoje um aluno ativo, participativo, criativo e mais integrado. Com o desenvolvimento e aprimoramento de outras habilidades, e com o seu alto grau de percepção, ele vem conquistando mais equilíbrio, maturidade e maior compreensão de seu próprio “eu”. Hoje, Pedrinho participa de todas as atividades do programa, faz dança moderna, domina a flauta doce, e escolheu o saxofone como o seu instrumento principal.

Caso 2 – buscando o equilíbrio

Visitando a sala do coral, vamos encontrar o João Carlos, de 11 anos de idade, juntamente com seus outros companheiros, aprendendo um novo repertório vocal. Irrequieto, agitado, desconcentrado, e dono de uma liderança altamente negativa, incomoda aos colegas e à própria dinâmica da atividade. Ao ser chamado a atenção, com dificuldade, faz o possível para se concentrar e aquietar porque, no fundo, ele gosta de estar ali. Terminado o ensaio, João Carlos corre para trocar de roupa e colocar sua sapatilha, pois sua próxima atividade é a aula de dança. Inicialmente, também agitado, desconcentrado e irrequieto, ele começa a praticar a série de exercícios e técnicas da dança que, aos poucos, o vão acalmando, e lentamente, vai encontrando o equilíbrio entre seu corpo e sua mente. Com o decorrer do tempo, por intermédio do corpo, outras potencialidades de João Carlos foram sendo desenvolvidas. A dança integrada ao ensino da música e o instrumento foram, aos poucos, aliviando suas dificuldades, principalmente a de concentração, que gerava a desorganização de tantos outros sentimentos.

Hoje, João Carlos continua no projeto como aluno da última etapa do programa, participando das atividades de música e dança em todo o seu contexto. Estuda saxofone, participa do grupo de sopros, e

é o primeiro bailarino do grupo de dança do projeto. Apesar de seus 16 anos, ele agora é também monitor de dança, responsável pelas aulas de *dança de rua* para os alunos iniciantes. Como aluno bolsista de uma academia de dança parceira do projeto, ele foi classificado com a nota máxima nas provas aplicadas por membros da Royal Academy of Dance para a conquista de certificado de bailarino, e foi premiado, recentemente, como bailarino revelação em um concurso de grande expressão na capital mineira.

Caso 3 – transferindo conhecimentos

A chegada dos primeiros instrumentos de sopros adquiridos pela direção do projeto foi uma data muito especial para todos os envolvidos naquele programa sócio-cultural. Até então, a experiência dos alunos na área instrumental se restringia às aulas coletivas de flauta doce, teclado e violão, e às aulas de flauta transversal ministradas em forma de *workshops*, pois contávamos, para essa atividade, com apenas um instrumento. Urgia a aquisição de instrumentos para sanar a ansiedade dos alunos por novos desafios. Após muitas dificuldades para a captação dos recursos necessários, a compra foi efetuada. Eram então apenas dois saxofones, quatro clarinetes, dois trompetes e duas flautas.

O que ocorreu a partir do momento de apresentação, experimentação, e reconhecimento dos instrumentos, foi uma verdadeira catarse artístico-musical. *Insights* ocorriam a todo momento, pois, entrando em contato com os instrumentos, os alunos descobriam que eram capazes de tocar, com facilidade, cada novo instrumento. Também percebiam que tocar de ouvido, ou criar uma melodia no instrumento, era tão simples quanto cantar ou brincar com o teclado, violão ou a flauta doce. Frases e fragmentos de melodias que antes eram restritas às aulas de coral, de musicalização, do canto popular e das aulas de dança, passaram a ser ouvidas em diferentes timbres, como resultado de todo esse processo.

Nessa catarse musical, os alunos só não perceberam que o fenômeno holístico do *sinergismo* – movimento de integração e interação entre as partes – era o processo que estava ocorrendo dentro de cada um deles. Esse processo permite ao educando perceber rapidamente as relações entre um aprendizado e transferir esse conhecimento para uma outra área (Yus, 2002). Ao tirar, com facilidade, um som no clarinete ou no saxofone, eles estavam usando os mesmos movimentos do diafragma, trabalhados tanto no coral quanto na dança. Ao dedilhar esses instrumentos, eles usavam, pela similaridade digital, os mesmos mecanismos da flauta doce. Ao to-

car uma pequena frase musical de ouvido, eles colocaram em prática a habilidade da percepção melódica e harmônica que vinham treinando e desenvolvendo desde a primeira fase do programa.

Quando um conhecimento adquirido tem um real significado, ele é facilmente transferido, caso sejam dadas ao aluno as chances e meios para essa descoberta.

Caso 4 – buscando novos valores

Uma certa manhã no Projeto Cariúnas, no horário do lanche, uma aluna de 10 anos procurou seu professor para contar, entristecida, que seu dinheiro (80 centavos) havia desaparecido. Explicou, com lágrimas nos olhos, que essas moedas eram para sua passagem de volta para casa. De acordo com a aluna, as moedinhas haviam passado toda a manhã no mesmo lugar onde as havia deixado. Após várias buscas, ficou evidenciado que as moedas não tinham sumido, mas, sim, que alguém as havia “tomado” da coleguinha. Diante desse impasse, o professor decidiu reunir todos os alunos na sala de aula. Assentados no chão em formato de roda, o professor apresentou calmamente os seus argumentos. Refletiu junto com os alunos sobre a importância do Cariúnas, como essa experiência os fazia formar uma grande família e que, por isso, todos eram irmãos de coração. Todos estavam ali aprendendo a viver em conjunto e que, por isso, precisavam sempre trabalhar o amor, o respeito, a honestidade, e a solidariedade entre todos. Somente após essa reflexão o professor contou que as moedinhas da colega haviam sumido, e reforçou a questão de valores, os quais são sempre muito relativos. Provavelmente, 80 centavos não valem muito para uns, porém, eles eram de grande importância para outros; acima de tudo, por menor que seja o valor, não se justificaria um furto. Sem questionar por nenhum momento a questão do “culpado” pelo ocorrido, o professor pediu que todos se auto-avaliassem, e que o responsável devolvesse as moedinhas ao lugar de onde as tinham retirado. Agradecendo a todos pela atenção, o professor os dispensou, e pediu que voltassem às suas tarefas. Pouco tempo depois, as moedinhas, somando exatamente os 80 centavos, foram encontradas na pia do banheiro.

Somente uma educação responsável pode levar uma criança ao aprendizado da auto-avaliação. Somente o desenvolvimento da habilidade da responsabilidade pode ajudá-la a valorizar a vida, a desenvolver nela própria um estado de harmonia e equilíbrio pessoal, e a mostrar sua responsabilidade na construção da paz no mundo.

Caso 5 – resultados de uma educação holística

Continuando a caminhada pela pequena casa/escola, encontramos em outra sala duas adolescentes em conversação. O encontro é muito especial, pois tem como finalidade a troca de experiências, quando uma das jovens repassa à outra aquilo que sabe sobre seu instrumento. Mariana fala sobre seu clarinete, e Clara descreve e manuseia sua flauta transversal. A explicação de como segurar o instrumento, a forma de mostrar onde fica uma posição, ou de como fazer para produzir um determinado som, é repassada de uma companheira para a outra de forma natural, despojada e sem restrições. Ali mesmo ocorrem as improvisações, uma prática natural para as duas jovens. O diferencial é que cada uma delas brinca com o instrumento da companheira. Mariana e Clara, alunas da última fase do projeto, já se preparam para o vestibular de música. Essa preparação vem através de atividades integradas que vão desde as aulas específicas do instrumento, de percepção, apreciação, criação e práticas tradicionais da música de câmara até as atividades básicas do projeto – coral e dança – das quais elas participam desde o início de suas experiências no programa. Também faz parte desse quadro de ofertas a prática de ensino da musicalização integrada à dança para crianças, da qual começaram a participar após os 16 anos, e que tem como objetivo a sua formação como agentes culturais.

Hoje, após cinco anos de vivência no Cariúnas frente às suas múltiplas formas de integração de áreas, Mariana e Clara representam o reflexo dessa educação integral e global que receberam no projeto. Além de dominarem um instrumento principal, trabalham com a flauta doce e o teclado como um segundo instrumento. Também dominam, em nível básico, outros instrumentos de sopro e percussão. São

capazes de criar pequenas melodias, com letra e arranjo, e uma coreografia para um canto novo. Ambas são multiplicadoras do projeto, atuando como monitoras em creches e escolas públicas da região, nas atividades de musicalização e instrumento para iniciantes.

Atualmente, Mariana é aluna de licenciatura em música, com habilitação em clarinete em uma universidade, e Clara se prepara para prestar o vestibular de flauta transversal. A mais recente experiência das duas jovens, juntamente com outras duas monitoras do próprio projeto, foi a participação como professoras de musicalização, em recente festival de inverno de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais.

Considerações finais

Apesar do universo ainda reduzido da experiência realizada no Projeto Cariúnas, o processo de educação musical por ele proposto, baseado numa visão holística da educação, tende a demonstrar sua viabilidade. Acreditamos que sua proposta de ensino e seus resultados podem contribuir para enriquecer as atuais discussões sobre: 1) projetos sociais e seus objetivos no atendimento à criança e ao adolescente; 2) o ensino de música nas escolas regulares, numa possível abordagem interdisciplinar com outras formas de arte; e 3) na formação de educadores musicais nos cursos de licenciaturas.

Discutir sobre uma educação integral e sua possível implementação, na qual o aluno é o centro de referência, é pensar em mudanças. E implementar mudanças exige uma transformação do pensamento, da visão e da interpretação da realidade de todos os envolvidos. Talvez, com essas reflexões, estejamos contribuindo realmente para uma mudança de paradigmas para a educação musical.

Referências

- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- DE MASI, Domenico. *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. Trad. Yadyr A. Figueiredo. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- MILLER, J. P. *The holistic curriculum*. Toronto: OISE Press, 1996.
- PENNA, Maura L. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Loyola, 1990.
- SEKEFF, Lourdes, M. *Da música: seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2002.
- YUS, Ramos, R. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Trad. Daysy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Recebido em 01/03/2006

Aprovado em 12/03/2006